

Política



BÊLA MEGALE
PT e PL temem placar de Moro no TSE
Decisão unânime na Corte contra cassação no Senado preocupa siglas



Rio. O governador Cláudio Castro (PSB) e sua família.



São Paulo. Nunes tentará a reeleição com o apoio de Tarcísio de Freitas.



Salvador. O governador Jerônimo (PSB) está ao lado de Geraldo Júnior.

A MÁQUINA NAS CAPITALS

Vinte governadores definem apoios, mas histórico mostra baixa influência nas eleições municipais

LUIZA MARZULLO E
LUCAS GUIMARÃES
public@oglobo.com.br

A cerca de cinco meses das eleições municipais, 20 de 26 governadores já anunciaram o candidato que vão apoiar em suas capitais. Apesar de disputado pelos pré-candidatos, o aval dos chefes estaduais tem baixo impacto nas urnas, segundo o histórico das duas últimas eleições. Levantamento do GLOBO feito com base nos resultados dos pleitos de 2016 e 2020 revela que menos de um terço dos prefeitos eleitos tinham o apoio do gestor estadual. Em contrapartida, mais da metade dos que saíram vitoriosos eram aliados ao grupo político que comandava o Executivo municipal.

No período analisado, os candidatos dos governadores tiveram um resultado eleitoral pior ou igual ao daqueles que não contaram com o suporte da máquina. Em 2016, apenas oito prefeitos eleitos contaram com os governadores, contra sete em 2020. Neste último ano, outsiders da política conquistaram o mesmo número de cadeiras.

Nas próximas eleições de outubro, entre os seis governadores que ainda não se decidiram estão Wanderson Barbosa (Republicanos), do Tocantins; e Eduardo Leite (PSDB), do Rio Grande do Sul. Ambos têm pedido paciência aos aliados em Palmas e Porto Alegre, respectivamente. No Rio Grande do Sul, fala-se, inclusive, no adiamento da votação devido à tragédia das chuvas.

O PSDB, do governador gaúcho, contudo, tem falado abertamente sobre o desejo de ter candidatura própria em Porto Alegre para fazer frente ao prefeito Sebastião Melo (MDB). O principal cotado é o ex-governador Raulo Viera Júnior, após a deputada estadual Delegada Nadine ter recusado o convite.

— Não é preciso ter pres-

sa. Iremos definir nos próximos meses — diz o presidente nacional do PSDB, Marconi Perillo. Em Porto Alegre, os últimos dois prefeitos eleitos — Melo e Nelson Marchezan Jr. — chegaram a seus postos sem apoio do governador do estado nem faziam parte do grupo político do gestor que lhes antecederam.

O cenário é similar ao de Belo Horizonte, hoje comandado por Fúad Noman (PSD), que herdou a prefeitura em 2022 com a saída de Alexandre Kalil. Em 2016, quando eleito pela primeira vez, Kalil não tinha o apoio do então governador Fernando Pimentel (PT).

O sucessor do petista em Minas, Romeu Zema (Novo), também teve seu candidato derrotado em 2020 contra Kalil. Postulante pelo Novo, Rodrigo Paiva teve 3,6% dos votos, ficando em quinto lugar. Nestas eleições, oficialmente, a sigla lançou a secretária estadual Luisa Barreto como pré-candidata, mas nos bastidores não é dado como certo o apoio por parte do governador.

DESCALAMENTO NO RIO

Na semana passada, Zema iniciou uma negociação com o senador Carlos Viana (Podemos) e também é requisitado pelo nome do bolsonarista, o deputado estadual Bruno Engler (PL).

As derrotas estaduais também ocorreram no Rio de Janeiro, cuja capital hoje é comandada por Eduardo Paes (PSD), que é pré-candidato à reeleição. Em 2016, Paes e então governador Luiz Fernando Pezão apostaram suas fichas no deputado federal Pedro Paulo (PSD), que sequer chegou ao segundo turno, ficando em terceiro lugar na disputa.

Quatro anos depois, o prefeito Marcelo Crivella (Republicanos) não conseguiu se reeleger e Paes voltou ao comando da capital fluminense. Na ocasião, o governador Cláudio Castro (PL) optou por não

AS APOSTAS CERTEIRAS EM 2016 E 2020

Menos de 1/3 dos prefeitos de capitais venceu com apoio dos governadores



GOVERNADOR	ESTADO	CAPITAL	PREFEITO ELEITO	PART DO
Tião Viana	Acre	Rio Branco	Marcus Alexandre	PT
Flávio Dino	Maranhão	São Luís	Edvaldo Holanda	PDT
Simão Jatene	Pará	Belém	Zenaldo Coutinho	PSDB
Ricardo Coutinho	Paraná	Joião	Luciano Cartão	PSD
Beto Richa	Paraná	Curitiba	Rafael Greca	PSD
Paulo Câmara	Pernambuco	Recife	Geraldo Júlio	PSB
Raimundo Colombo	Santa Catarina	Florianópolis	Gean Loureiro	MDB
Geraldo Alckmin	São Paulo	São Paulo	Bruno Covas	PSDB
Gladson Cameli	Acre	Rio Branco	Tião Bocálem	PP
Mauro Mendes	Mato Grosso	Cuiabá	Emanuel Feijó	MDB
Jairo Azevêdo	Paraná	Joião	Cícero Lucena	PP
Ratinho Júnior	Paraná	Curitiba	Rafael Greca	PSD
Paulo Câmara	Pernambuco	Recife	José Campos	PSB
Wellington Dias	Paulista	Teresina	José Pessoa	MDB
José Dória	São Paulo	São Paulo	Bruno Covas	PSDB



Em Recife, José Campos (PSB) foi eleito em 2020 com o apoio do governador Paulo Câmara.



Bruno Covas (PSDB) se elegeu em SP em 2016 e 2020 com o apoio dos de Gera do Alckmin e João Dória.



Em 2016, o governador Pezão (MDB) apostou no deputado federal Paulo (PSD) no Rio, que não chegou ao 2º turno.



Zema, governador de Minas, não conseguiu eleger o seu candidato, Rodrigo Paiva, em 2020 para a prefeitura de Belo Horizonte.

"Na eleição municipal existe uma certa autonomia dos políticos locais em relação às dinâmicas nacionais e estaduais. Isso explica por que é cada vez menos importante que um candidato tenha o apoio de um presidente ou do governador do estado"

Mayra Goulart, cientista política da UFRJ

apoiar nenhum dos dois. Este ano a posicionamento de Castro mudou: o governador já se comprometeu com a pré-candidatura do deputado federal Alexandre Ramagem (PL), o nome do bolsonarismo no Rio. Já em São Paulo, prefeitura e governo do estado estiveram juntos enquanto durou a hegemonia do PSDB no estado. Em 2016 e em 2020, Bruno Covas se elegeu com o apoio de Geraldo Alckmin e João Dória, respectivamente. Hoje, tanto Dória quanto Alckmin são ex-tucanos.

Em maio de 2021, Covas morreu em decorrência de

um câncer no intestino, fazendo com que seu vice, Ricardo Nunes (MDB) herdasse a prefeitura. Já em 2022, Dória renunciou ao cargo para concorrer à Presidência, deixando a gestão estadual para o então correligionário Rodrigo Garcia, que não conseguiu se reeleger meses depois, em outubro.

Este será o primeiro pleito que o PSDB não está no comando da prefeitura nem do governo do estado, hoje ocupado por Tarcísio de Freitas (Republicanos). Nunes, contudo, concorrerá à reeleição com o apoio do Palácio dos Bandeirantes, assim

como os tucanos fizeram no passado.

Em Recife, o PSB, de João Campos, também perdeu o comando estadual nas eleições presidenciais após 16 anos no poder. Em 2020, o prefeito foi eleito com o apoio do governador Paulo Câmara. Neste ano, Campos desfruta como favorito para a reeleição, mesmo tendo o governador Raquel Lyra (PSDB) como adversária. Ela, por sua vez, já declarou apoio ao seu ex-secretário Daniel Coelho (PSD).

— Na eleição municipal existe uma certa autonomia dos políticos locais em relação às dinâmicas nacionais e estaduais. Isso explica por que é cada vez menos importante que um candidato tenha o apoio de um presidente ou do governador do estado — avalia a cientista política Mayra Goulart, da UFRJ.

RIVALIDADES LOCAIS

No Nordeste, Executivo estadual e municipal têm rivalidades. No caso de Fortaleza, PT e PDT caminhavam juntos até 2022, quando o ex-ministro e petista Ciro Gomes evitou qualquer palanque com Lula. O movimento gerou uma debandada do partido liderada pelo senador Cid Gomes, irmão de Ciro, hoje filiado ao PSB, e apoiador dos petistas.

Nestas eleições, o prefeito José Sarto (PDT) concorrerá à reeleição contra o ex-petista e presidente da Assembleia Legislativa, Evandro Leitão (PT) — nessa briga é máquina municipal contra a estadual, já que o governador, Elmano de Freitas, é do mesmo partido de Leitão.

Já em São Luís, no Maranhão, o grupo político do hoje ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Flávio Dino perdeu a prefeitura nas eleições de 2020, quando o deputado federal Duarte Júnior (PSB) foi derrotado por Eduardo Braide (PSD). Os dois voltaram a se enfrentar em outubro deste ano.